

**A Disciplina “Pós-Estruturalismo, Pós-Modernidade:
Sociologia e Educação” - ministrada no Programa de Mestrado
em Educação da UNIOESTE, Campus de Francisco
Beltrão – reverberações no campo epistemológico, institucional**
DOI: 10.70513/posgrad-ensino-educ-15

Eduardo Nunes Jacondino

Introdução

O texto retrata a experiência docente, por nós desencadeada, a partir da oferta da disciplina: ‘Pós-estruturalismo, pós-modernidade: Sociologia e educação’, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão. Região sudoeste do Paraná. A referida disciplina, ofertada pela primeira vez no ano de 2017, buscou retratar a questão da Modernidade e da Pós-modernidade; bem como do Estruturalismo e do Pós-estruturalismo, e suas relações para com os campos da Sociologia e da Educação.

Tal trabalho se efetivou diante da falta de conhecimento advindo dos alunos do Programa de Mestrado, citado, referente a temas sociológicos como Modernidade, Pós-modernidade; bem como diante das perspectivas teórico-epistemológicas advindas do Pós-estruturalismo. Nos perguntávamos, à época em que pensávamos em desenvolver tal trabalho: ‘De que modo podemos contribuir para que os acadêmicos do Mestrado em Educação da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, tenham acesso a temáticas importantes, como as que discutem a Modernidade, a Pós-modernidade; e suas implicações na produção de perspectivas teóricas tais como as Estruturalistas e as Pós-estruturalistas? Em sua relação com a educação?’

Diante do desafio, desenvolvemos uma estrutura disciplinar que nos permitisse trabalhar com estes temas, com os acadêmicos do Mestrado, com o objetivo de contribuir para seu contato com leituras, conceitos, autores, importantes para o campo das Ciências

Humanas e da Educação, para além de perspectivas como a do Materialismo Histórico-dialético, muito presentes no Programa citado.

É possível aferir, de antemão, que temos obtido ótimos resultados, do ponto de vista da aquisição - feita pelos estudantes -, diante dos temas elencados. O que foi/é possível verificar por meio dos depoimentos advindos dos alunos do Mestrado.

Desenvolvimento

O presente capítulo perfaz um relato de experiência acadêmica, desencadeado na UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, a partir da consolidação e oferta da disciplina: ‘Pós-estruturalismo, pós-modernidade: Sociologia e educação’, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Francisco Beltrão, região sudoeste do Paraná. A referida disciplina, ofertada pela primeira vez no ano de 2017, buscou retratar a questão da Modernidade e da Pós-modernidade; bem como do Estruturalismo e do Pós-estruturalismo, e suas relações para com os campos da Sociologia e da Educação.

A disciplina apresentou/apresenta como objetivo geral: ‘Instrumentalizar os acadêmicos do Mestrado em Educação para a leitura sociológica da realidade social e educacional contemporânea, considerando-se as leituras de cunho pós-estruturalista e/ou que discutam a condição da sociedade pós-moderna. Fazendo o elo entre estes autores/temas e o campo da educação’. Como objetivos específicos expôs\expõe: ‘Situar histórica e culturalmente a pós-modernidade, traçando aproximações entre esta e o campo educacional’; ‘Apresentar e diferenciar as concepções teórico-metodológicas da sociologia contemporânea, notadamente a partir de autores pós-estruturalistas’; ‘Contribuir para que os acadêmicos do Mestrado em Educação adquiram os conceitos básicos da sociologia, relacionando-os com a realidade social e escolar’; ‘Contribuir para que os acadêmicos do Mestrado em Educação compreendam as transformações pelas quais têm passado as sociedades contemporâneas, a Escola e a Educação contemporâneas, a partir da contribuição de autores pós-estruturalistas e de autores que discutem a pós-modernidade’.

Por meio da referida disciplina buscamos retratar os seguintes temas/conteúdos: Na unidade I, denominada: **A discussão acerca da sociedade Pós-moderna e suas relações para com a educação**, apresentamos os conceitos de pós-estruturalismo e de estruturalismo - Os conceitos de modernidade e de pós-modernidade - ‘O livro de Michel Peters: Pós-estruturalismo e filosofia da diferença (2000)’. Na unidade II, com o nome:

A sociologia contemporânea a partir das influências do pós-estruturalismo, e os efeitos deste processo para as análises acerca da educação, discutimos os seguintes temas: - Autores que discutem a sociedade pós-moderna, no campo da sociologia (Alain Touraine (2006), Anthony Giddens (1991, 2002, 2005) e Zigmunt Baumann (1998,1999,2001, 2004)) e as possíveis análises no campo da educação. Já na unidade III, denominada: **O campo educacional e as questões afetas à pós-modernidade**, apresentamos temas como: A microfísica do poder, a ética, a estética e os processos de subjetivação social e educativos (a partir de autores como o filósofo Michel Foucault (1985, 2000, 2001, 2004) - O conceito de filosofia da diferença e os impactos deste conceito no campo sociológico e da Sociologia da Educação (a partir de estudiosos da educação brasileira como Tomaz Tadeu da Silva (2000)): a perspectiva pós-crítica em educação - As novas identidades no interior das sociedades contemporâneas e do campo educativo (a partir de autores como Alain Touraine (2006), Stuart Hall (2001) e Tomaz Tadeu da Silva (2000) e suas implicações no campo educativo.

Tal proposta de trabalho, inicialmente desenvolvida no Programa de Mestrado em Educação da UNIOESTE, acabou por influenciar uma mudança no projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Pedagogia da UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão; uma vez que o corpo docente do Curso – docentes que também atuam no Programa de Mestrado – perceberam um déficit de conhecimentos acerca de temas como Pós-modernidade e Pós-estruturalismo, por parte dos discentes de graduação.

Na região Oeste e Sudoeste do Paraná, nos cursos da área de Ciências Humanas, é comum abordagens como as advindas do Materialismo Histórico-dialético; porém, pouco se conhece perspectivas como as Pós-estruturalistas. Deste modo, entendemos que acabamos compondo um trabalho pedagógico\acadêmico que, de forma pioneira, introduziu leituras Pós-estruturalistas em alguns cursos de Graduação, e no próprio Mestrado em Educação presente no Campus de Francisco Beltrão, da UNIOESTE.

A referida disciplina, trabalhada no programa de Mestrado, já ofertada cinco (5) vezes, entre 2017 e 2024, tem obtido retorno muito positivo por parte dos acadêmicos. Uma vez que permite aos discentes, em nível de Pós-graduação *Stricto Sensu*, atualizarem leituras advindas do campo das Ciências Humanas. Notadamente ligadas às Filosofias da Diferença, da Sociologia e da Educação pós-crítica.

Cabe ressaltar que, do ponto de vista de temáticas como Modernidade e Pós-modernidade, Estruturalismo e Pós-estruturalismo, retratadas na disciplina ministrada no Mestrado, a partir do livro de Michael Peters: ‘Pós-estruturalismo e filosofia da diferença’ (2000), se buscou\busca apresentar conceitos considerados chaves, na

disciplina, uma vez que apresentam aos discentes, abordagens e categorias analíticas, do social, pouco conhecidas por eles, conforme nossa experiência têm demonstrado. O que pode ser demonstrado pelo seguinte exercício: Façamos a tarefa de nos imaginarmos em uma sala de aula, realizando uma avaliação escolar que nos apresente a seguinte questão: “O que significam os termos: Sociedades pós-industriais, Modernidade tardia, Modernidade líquida, Pós-modernidade?” Como responderíamos a tal pergunta? Acreditamos que muitos de nós responderiam com certa dificuldade. Isto porque, do ponto de vista da área das Ciências Humanas, temas como Capitalismo, luta de classes, dominação, exploração, trabalho, são mais conhecidos. Temas por meio dos quais nos habituamos a olhar para o campo social, desde o ensino médio, a partir de disciplinas como Sociologia, Filosofia, História, ministradas em ambientes formais.

Da mesma forma, nos cursos do Ensino Superior atinentes ao campo das Ciências Humanas, são comuns as análises sobre o Capitalismo; sobre as transformações pelas quais o mundo do trabalho vem passando: Desregulamentação, flexibilização, terceirização, uberização; sobre o tema da estratificação social, ou seja, o formato que a distribuição da riqueza, gerada em determinado país, adota. Discussões que transitam ao redor de teorias sociológicas que se consolidaram e que passaram a ser adotadas, com o passar do tempo, nos ambientes escolares, formais, de países como o Brasil. Temas fundamentais, mas que não abarcam objetos trabalhadas a partir das perspectivas teóricas denominadas de pós-estruturalistas¹. Ainda em processo de assimilação por parte de instituições escolares.

De todo modo, cabe ressaltar que o fato de os temas acima mencionados estarem sendo avaliados, cada vez mais, por meio da perspectiva da interseccionalidade², ou seja, àquela que afirma que não se deve olhar para um fato social de forma unilateral, isolada, demonstra a influência das perspectivas pós-estruturalistas no campo epistemológico e escolar, ao alertarem para o fato de que dificilmente uma teoria que se concentre em um único ponto explicativo dará conta de compreender a complexidade que envolve os fenômenos sociais.

Deste modo, os conceitos de Modernidade e de Pós-modernidade, que se referem aos elementos de ordem social: econômica, política, cultural, que têm atravessado o Ocidente nos últimos séculos – e que, no caso da pós-modernidade, desde o final do século XX vêm ocasionando fissuras, reelaborações diante dos ideais e das instituições tradicionais, advindo(a)s da história ocidental, foram/são analisados, na disciplina ofertada no mestrado em Educação da UNIOESTE, justamente por percebermos dificuldades da parte de muitos acadêmicos diante de tais conceitos.

A discussão acerca do Estruturalismo e do Pós-estruturalismo, por sua vez, se refere às escolas de pensamento: Filosófico, Sociológico, Político, Antropológico, Educacional, que têm buscado compreender os movimentos do social, ocorridos na Modernidade (correntes estruturalistas), e/ou na Pós-modernidade (correntes Pós-estruturalistas). Conceitos também apresentados na disciplina em voga. Mas o que se vê na disciplina?

Do ponto de vista da Modernidade, e para autores da Sociologia como John Scott (2010) o termo: Moderno, tem a conotação de contemporâneo, ou seja, se refere às condições sociais, específicas da Europa Pós-medieval. Enseja, portanto, a oposição das sociedades comerciais e nacionais, emergentes da Europa do século XVII, em relação às estruturas decadentes do Feudalismo.

Da mesma forma, o conceito de modernidade se liga à ênfase dada à razão, em contraposição ao declínio da tradição e do tradicionalismo, embasados nos costumes e nos rituais comunitários. O que sugere o fato de que na modernidade o progressismo – a ideia de progresso, ou seja, de se valorizar o futuro - se instaura como força motriz. O que acaba, ainda, por abarcar as seguintes formas, racional/burocráticas, de organização social: A composição dos Estados-nação e do industrialismo capitalista. Ancorados no modelo europeu de organização societária (Scott, 2010).

Processo que leva o Ocidente a se organizar, notadamente no século XX, quase que exclusivamente ao redor das seguintes características: Estado-nação centralizador, mercado monopolista, grandes empresas produtivas e financeiras, sistema de produção em massa, consumo de massa, transporte e migração, comunicação e cultura de massa. Tal qual autores como Kiely (2005) vão afirmar. Deste modo, a modernidade abarcou formas de sociabilidade ancoradas na passagem do tradicional para o moderno, do rural para o urbano, do feudalismo para o capitalismo, do agrário para o industrial, do irracional (entenda-se: crenças e tradição) para o racional (leia-se: pensamento filosófico, técnico e científico/crítico).

Em conformidade com esta perspectiva, e para o Sociólogo Britânico, Anthony Giddens (1991), a modernidade representou o estilo de vida europeu que, a partir do século XVII, se globalizou. Ou seja, a modernidade se refere a um período histórico caracterizado pela supremacia europeia por sobre os demais continentes. Dispositivos como o Capitalismo, uma forma de sociabilidade estendida praticamente à totalidade dos continentes, foi desenvolvido na Europa, a partir do século XIV, desde o fim da idade média e do Feudalismo.

Da mesma forma, o industrialismo, outra marca da modernidade, adveio da Europa – a partir da Inglaterra, desde o século XVIII. Também os modernos Estados-nação, com sua respectiva forma de organizar a sociabilidade política, por meio do sufrágio universal e da administração territorial, linguística e política – ancorada no formato da democracia representativa, nos moldes da tripartição dos poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário -, advieram da Europa, por meio da implantação das Monarquias Parlamentaristas.

É possível afirmar, ainda, que os meios de contenção social engendrados a partir da instalação dos Estados-nação – tais como o uso do policiamento profissional -, advieram da Europa (Giddens, 1991)³. Modelos de administração política exportados para os demais continentes, na sequência dos processos de colonização encampados pela Europa, inicializados no século XVI.

Ainda, o Cristianismo, enquanto formato religioso/institucional, foi levado ao ‘novo mundo’: Américas, Ásia, África, pelos Europeus. O que concorreu para se estabelecer uma forma específica de expressão religiosa: Monoteísta e administrada pela Igreja Católica Apostólica Romana. Mais uma herança europeia

Outrossim, a sociedade moderna - ou modernidade - tende a ser vista como o período histórico que surgiu com o “momento cartesiano”, ou seja, ancorado na ênfase dada à razão, às ciências e ao progresso material da humanidade. Para autores como Anthony Giddens (1991), como afirmamos acima, é um ‘estilo de vida’ que surge na Europa e que se torna mais ou menos universal a partir do século XVII, se mantendo forte até a primeira metade do século XX.

Para o Sociólogo Polonês Zigmunt Baumann (1998; 1999; 2001; 2004), a modernidade – ou modernidade sólida, como este autor nomeia este período histórico – teria começado no século XVI (1.500 DC), acompanhado da ideia/crença na razão e da ciência como instrumentos privilegiados para a transformação do mundo. Neste sentido, começa com figuras como Nicolau Copérnico (1473-1543), Francis Bacon (1561-1626) e Galileu Galilei (1564-1642) e vai até o século XIX, alicerçada na crença em relação à determinação histórica da economia social. Na crença da produção de um Estado racional, visto como capaz de resolver os problemas da humanidade.

Este período histórico pode ser caracterizado pelo estabelecimento de relações sociais sólidas, ancoradas na influência advinda dos resquícios das tradições e das instituições religiosas; mas também, nas formas crescentes de administração secular, cada vez mais presentes nas sociedades ocidentais, centradas no uso da ciência, da tecnologia e da burocracia.

Do ponto de vista da pós-modernidade e/ou para autores como Peters (2000), a análise pós-moderna passa a ser utilizada a partir da 2ª metade do século XX. Todavia, nas artes, por meio do movimento modernista - final do século XIX -, já ocorriam críticas às pretensões de verdade, advindas da ciência, e que influenciavam as artes. Para o mesmo autor – que separa modernismo (artes), de modernidade (social) -, do ponto de vista social, os hippies, nas décadas de 1960 e 1970, passaram a criticar a racionalidade tecnológica e burocrática das décadas de 1950 e 1960. Em nome da pulsão e do prazer, da expressividade psicodélica e da liberdade cultural.

Para Kiely (2005), a Modernidade representou a passagem do tradicional para o moderno, do rural para o urbano, do feudal para o capitalismo, do agrário para o industrial, do irracional (folclore e mitos) para o racional (ciência). Todavia, a partir dos anos 1950/1960 este modelo passou a ser questionado, uma vez que se tornaram cada vez mais comuns afirmações como as que apontavam a que o desenvolvimento econômico/social de alguns países se baseava, necessariamente, no subdesenvolvimento de outros. Outra afirmação que passou a ser feita apontava a que modernização e desenvolvimento não geravam, necessariamente, progresso.

A mudança de olhar, envolta em temas como desenvolvimento, progresso e outros passa a ocorrer – notadamente a partir da segunda metade do século XX – diante de fatos sociais adstritos ao século XX. O que, por sua vez, atinge instituições e valores advindos da Europa e que compuseram a Modernidade. Situações como as que envolveram a ocorrência das duas guerras mundiais (1914/ 1918 e 1940/1945), inicializadas no continente Europeu; a ascensão de regimes totalitários, à esquerda e à direita do espectro político: Nazismo, fascismo, stalinismo, maoísmo, também gestados em território Europeu; a queda do muro de Berlim e a desestruturação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), ocorridas respectivamente em 1989 e 1991, desencadearam fenômenos sintomáticos que causaram fissuras nos padrões de sociabilidade advindos da modernidade. Uma vez que tais acontecimentos atingiram diretamente o modelo de padrão social em voga no Ocidente, ou seja, advindo da Europa.

De modo a exemplificarmos as questões que passam a ser colocadas, na ordem do dia, desde então, referendamos as seguintes situações: Como continuar acreditando na condução política, em direção a um mundo social melhor arquitetado – teleologicamente falando -, mais justo, depois da ocorrência dos horrores praticados nas duas guerras mundiais do século XX? Ocorridas no continente mais evoluído, instruído, da terra: A Europa? Como continuar acreditando, com a mesma ênfase, em um outro mundo possível, para além do Capitalismo, depois da falência da experiência Comunista

e ou do chamado Socialismo Real (advindo da URSS), cuja proposta social não perdurou por mais de 70 anos (entre 1917 e 1990)? Como propagar a superioridade econômica e política advinda de um projeto revolucionário, atrelado há um ideário de esquerda/progressista, depois da descoberta da existência de regimes totalitários localizados à direita, mas também à esquerda do espectro político, no horizonte europeu do século XX?

Para além destes fatos, nada desprezíveis, que ocorreram em período histórico recente e que colocaram em xeque determinadas pretensões, ideais advindas da modernidade, na direção da evolução humana, do progresso econômico, da capacidade racional/humana, no sentido de propor e atingir níveis de emancipação social cada vez mais elevados; o século XX também foi palco, entre as décadas de 1960 e 1980, de movimentos sociais, culturais, como os relacionados aos direitos civis, nos EUA das décadas de 1960 e 1970, embasados na luta dos negros por igualdade. Movimento que se alastrou, ao incorporar temas como o fim da guerra no Vietnam, a questão ambiental e outros.

Período que, da mesma forma, viu nascer a chamada revolução dos costumes, que, do ponto de vista da sexualidade e da própria composição familiar, trouxe enormes mudanças ao vir acompanhada da produção e do uso da pílula contraceptiva; com a correspondente emancipação da sexualidade feminina, complementada pela entrada das mulheres no mercado de trabalho. Questões que passaram a enfraquecer a estrutura que mantinha, justificava, tanto a condição patriarcal disposta para as sociedades ocidentais, quanto a composição de organização familiar predominante até então.

Estes e outros fenômenos sociais como os adstritos ao movimento LGBT (assim chamado no século XX) e o movimento Hippie promoveram mudanças significativas no que se refere ao tema das identidades e ou da autoimagem que os indivíduos e grupos sociais constroem de si mesmos, bem como de seus valores e objetivos existenciais. Deste modo, a segunda metade do século XX passou a ser palco de outras tendências constitutivas da produção cultural, do campo da produção paradigmática, doador de sentidos existenciais. Isto porque aquilo que era visto como a verdade passa a ser relativizado por um processo onde narrativas e lugares de fala disputam a legitimidade aderente à diferentes concepções de mundo; gestadas em contextos sociais, jurídicos e epistêmicos mais abertos às múltiplas interpretações/leituras que passam a transitar com mais força na esfera pública e que tornam mais críticas as leituras tradicionais – eurocentradas – que pareciam ter respostas prontas e inquestionáveis sobre praticamente todos os aspectos da vida humana; mas que agora precisam disputar a compreensão –

perante novos referenciais – diante de temas como masculinidades, feminilidades, sexualidades não hegemônicas, novas formas de efetivação do matrimônio e da configuração familiar, diferentes perspectivas religiosas, a importância da arte na vida social e subjetiva, o papel da ciência em um mundo dominado pelo poder do dinheiro, o alcance da educação formal diante de um mundo em que o campo político/administrativo e o campo econômico – agora deslocado do campo produtivo e autonomizado, voltado aos interesses privados de poucos - se descolaram, etc.

Para Peters (2000) o estruturalismo pode ser entendido como um movimento intelectual, multifacetado, que deixou uma marca em áreas importantes do conhecimento: Linguística, Sociologia, Ciência Política, Psicologia etc. Seu foco se encontra na busca por estruturas inconscientes, tidas como àquelas que moldam os fenômenos sociais/humanos.

O estruturalismo se desenvolveu a partir dos trabalhos do linguista suíço, Ferdinand de Saussure, que, no início do século XX, revolucionou a forma de entender a linguagem. Saussure adotou a visão de que a língua não é um mero conjunto de palavras, mas sim um sistema complexo de signos interligados, por meio dos quais nos quais o significado emerge das relações entre os elementos. Visão que, na sequência, influenciou autores da antropologia como Claude Lévi-Strauss, que aplicou os princípios estruturalistas ao estudo das culturas, revelando padrões e estruturas recorrentes nos mitos, rituais e sistemas de parentesco (Peters, 2000).

O estruturalismo adotou/adota algumas características, tais como a de dar prioridade à estrutura subjacente aos elementos que compõem um sistema/ordem social; a de buscar compreender as relações entre os elementos constitutivos desta estrutura ou sistema; a de tentar encontrar as leis ou processos desencadeadores das estruturas/sistemas sociais/humanos (Peters, 2000).

Para Peters (2000), o estruturalismo se tornou um metaparadigma, entre os anos de 1950 e 1960, das Ciências Humanas e sociais. Calçado na busca pela objetividade do saber, voltado a compreender os fenômenos humanos/sociais. Todavia, encontrou críticas com o decorrer do tempo, voltadas a elementos como o fato de ter enfatizado, em demasia, as estruturas, negligenciando a agência individual e a capacidade de mudança. Da mesma forma, foi acusado de ter buscado desenvolver uma leitura universalizante dos fenômenos sociais, desconsiderando as especificidades de cada sociedade. Foi acusado, também, de ter ‘abandonado’ uma leitura histórica dos fenômenos sociais, por ter se apegado a uma certa crença na teleologia sócio-histórica, ou seja, na crença de que haveria uma lógica transcendente guinando as ações humanas (Peters, 2000).

O Pós-estruturalismo se desenvolveu a partir dos anos 1960, diante do fato de as sociedades ocidentais estarem passando, nesta época, a estar envoltas pelo campo da cultura e das identificações subjetivas. Adstritas a aspectos de ordem étnico-cultural, sexual, de gênero e outros. Ou seja, as concepções monocausais, simétricas, advindas da modernidade e que se voltavam para temas como natureza humana e ou do fato de que haveria uma verdade única, teleológica, aguardando o desfecho da história da humanidade – algo que seria justificado pelas próprias descobertas efetivadas pelas Ciências Humanas surgidas no século XIX -, se enfraquecem diante dos novos acontecimentos sociais/culturais adstritos ao século XX e que trazem consigo leituras polissêmicas, heterotópicas, que passam a atuar como pano de fundo da realização de leituras sociais. O UNO (uma verdade universal, uma justiça universal, um modelo de humanidade universal) é substituído e ou relativizado por leituras plurais, que reforçam a crítica acerca da existência de uma suposta hierarquia (política, econômica, religiosa, moral), que guiaria a humanidade na caminhada existencial. Afinal de contas, a “luz” do mundo que advinda da Europa parece se enfraquecer.

Noções de sujeito universal, desde sempre aí colocado, destinado à emancipação, passam a ser substituídas e ou relativizadas diante das novas noções de sujeito. Visto como produzido historicamente, contingencialmente, inclusive por meio da influência dos saberes que se debruçam por sobre o tema do HOMEM (visto enquanto objeto de estudo científico), desde o século XIX. Saberes que tendem a apontar verdades sobre este mesmo HOMEM, subjetivando-o e ou exercendo sobre este formas de poder facilmente cooptadas por regimes político-ideológicos totalitários. O que o século XX demonstrou ter ocorrido na história ocidental, em período recente, a partir do stalinismo, maoísmo, nazismo, fascismo. Ademais, como ignorar as discussões advindas dos movimentos feministas que denunciaram/denunciam a produção de gênero, ou seja, a produção cultural do masculino e do feminino? De que existem distintas formas de se produzir, socialmente, culturalmente, homens e mulheres, para além do aspecto biológico? Como fica a concepção de identidade universal, humana, diante disto? Além do mais, como negar em absoluto as provocações advindas da Psicanálise, diante do tema do inconsciente? Como continuar propalando, sem constrangimento, o discurso do HOMEM como ser racional, dotado de capacidade de conhecer - de forma totalizante - o mundo e a si mesmo? Como negar, sem cometer uma certa forma de desonestidade intelectual, o questionamento diante do fato de que aquilo que o Ocidente aprendeu a considerar como universal (justiça universal, verdade universal), nos últimos séculos não foi mais do que a exportação, para o resto do mundo, do modelo de vida (de justiça, de

verdade) advindo de um lugar específico, ou seja, da Europa? De que não existe o universal, mas arbitrários culturais que, por terem se tornado dominantes em certo período histórico, adotaram o discurso do universal e da verdade, a partir de seus próprios critérios?! São estas e outras questões que as teorias pós-estruturalistas, dentre elas as decoloniais, têm apontado ao afirmarem que o colonialismo europeu produziu um mundo à sua imagem e semelhança; ao mesmo tempo em que desconsiderou, negou, aculturou as formas de vida social existentes e praticas no além-mar. Se utilizando de mecanismos de violência simbólica, física, tecnológica, ideológica para atingir estes objetivos.

Todas estas discussões/pontos nos levaram/levam a discutir – por meio da disciplina – temas relacionados à educação, a partir de uma leitura de base pós-crítica, ou seja, guiada – no Brasil – por autores como Tomaz Tadeu da Silva (2000) e Alfredo Veiga Neto (1997, 2000), professores da UFRGS que na década de 1990 começaram a orientar os primeiros trabalhos (mestrado e doutorado) em Educação, a partir da influência de leituras de autores como Foucault e Deleuze, discutindo temas como gênero, sexualidades, produção de sujeitos e outros.

Considerações Finais

O texto apresentou o trabalho realizado por meio da disciplina: ‘Pós-estruturalismo, pós-modernidade: Sociologia e educação’, no Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Francisco Beltrão. Região sudoeste do Paraná. Da mesma forma, desenvolveu análises acerca de como alguns conceitos foram/são apresentados, por meio da disciplina, aos acadêmicos do Mestrado em Educação. O trabalho tem resultado no crescimento do acervo intelectual dos estudantes da pós-graduação – *Estrito Sensu* – da UNIOESTE. Reverberando em mudanças efetivadas em cursos de Graduação e no próprio Mestrado institucional, no sentido de passarem a acatar outras perspectivas teórico-metodológicas, tais como as advindas do Pós-estruturalismo.

Cabe destacar que todo o trabalho, envolto com a disciplina em voga, tem sido enriquecido por meio de contato com parceiros da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), do Grupo de pesquisa: *Philos Sophias*. Com quem temos mantido contato e um profícuo debate acerca de temas e análises pós-estruturalistas.

Referências

BAUMANN. Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMANN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999

BAUMANN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BAUMANN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CRENSHAW, K. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. Disponível em:

<https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?Article=1052&context=uclfl> 989. Acesso em: 27 de jan. 2024.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 29.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Graal, 2000.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GIDDENS, A. **Mundo em Descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

HALL, S. **A identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPeA, 2001.

HOORNAERT, E. **História do Cristianismo na América Latina e no Caribe**. São Paulo: Paulus, 1994.

KIELY, R. **Industrialization and development A comparative analysis**. Lecturer in Development Studies, University of East London. This edition published in the Taylor & Francis e-Library, 2005.

LYOTARD, J. F. **A condição Pós-moderna**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SCOTT, J. **Sociologia: conceitos-chave**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.

SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

TOURAINÉ, A. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

VEIGA-NETO, A. Currículo e interdisciplinaridade. *In*: MOREIRA, A. F. B. (org.) **Currículo: questões atuais**. Campinas: Papirus, 1997. p. 59-102.

VEIGA-NETO, A. Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades. *In*: PORTOCARRERO, V.; CASTELO BRANCO, G. (org.). **Retratos de Foucault**. Rio de Janeiro: NAU, 2000. p. 179-217.

Notas

¹ Conjunto de teorias filosóficas, sociológicas, etc, surgidas na segunda metade do século XX e que se diferenciam, em alguns aspectos, do conjunto de teorias desenvolvidas entre os séculos XIX e primeira metade do século XX, denominadas de estruturalistas.

² Trata-se de recurso analítico desenvolvido e utilizado pela jurista estadunidense, professora de teoria crítica de raça: Kimberlé Crenshaw (1989) no âmbito das leis antidiscriminação. É uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado; bem como as articulações decorrentes daí, que imbricadas repetidas vezes colocam as mulheres negras mais expostas e vulneráveis aos efeitos destas estruturas.

³ Para Giddens (1991), o capitalismo, o industrialismo, a vigilância social e o controle dos meios de violência consolidam as quatro dimensões predominantes nas sociedades da modernidade, ou, como chama, da modernidade tardia. Termo utilizado por Giddens para se referir a um momento por meio do qual ainda viveríamos sob institucionalidades advinda da modernidade: Estado-nação, capitalismo etc. Mas, igualmente, sob a influência de novas formas de cultura e de vivência inter social. Representando a passagem da Modernidade para a Pós-modernidade.